

Revista

ESCRIVERSOS

UNIVERSOS ESCRITOS

Volume 3 Outubro de 2024 R\$15

Revista #3
ΣSCRIVERSOS
UNIVERSOS ESCRITOS

Publicada em
COLATINA, ES, BRASIL
no dia
31 DE OUTUBRO DE 2024
(Aniversário de Carlos Drummond de Andrade)

Edição e Design
ZIÃO DIONÍSIO

Ilustrações
DOMÍNIO PÚBLICO

Revisão
M. ISOLINA DE CASTRO SOARES

Matrocinadores
ISOLINA DE C. SOARES, PEDRO PASSAMANI,
SUELY S. ZANOTELLI, EMÍLIA DOS SANTOS
E APOIADORES DO APOIA.SE



GAUCHE NA VIDA
Zião Dionísio

~

FALA, ALAN MOORE! #3

~

SOMBRA - UMA PARÁBOLA
Edgar Allan Poe

~

NO JARDIM DE EPICTETO
Fernando Pessoa

~

ENTREVISTA COM
RAYZA GUEDES FONTES

~

O GUARDA-ROUPA
Wesley Alves

~

SOBRE DRUMMOND
Maria Isolina de Castro Soares



Faunesse

Guillaume Seignac (1870 - 1924)

GAUCHE NA VIDA

ZIÃO DIONÍSIO

Na luz do palco, com os pés sobre a madeira do tablado, ou sentado na borda, olhando o público... um jovem de 14 anos recita Drummond, dizendo que não deveria dizer, contando que a lua e o conhaque "botam a gente comovido como o diabo"...

Setenta e sete faces na platéia, com ares de graça e estranhamento... o menino Drummondeando, e sentindo o poema girando... até as freiras achando singelo o momento... mesmo com diabo sendo a última palavra do verso...

Nas sombras dos cenários e auditórios... dos teatros, camarins e vestiários, dos corredores, escadas, estacionamentos... e em todo lado de fora... e em todo lado de dentro... anjos tortos nos dão conselhos, como aquele que recebeu Carlos...

Vai, "ser Gauche na vida"... que as esquinas são tão santas quanto as capelas... onde tem gente, tem cheiro, tem fala... nenhuma parede aumenta ou diminui a força que vem da terra, e do espaço... energia que não tem limite, não tem lado... nem em cima, nem embaixo... a dimensão ultrapassa e não precisa de cálculos...

FALA, ALAN MOORE!

ΤΡΕΧΟ ΔΣ UΜΑ FΑLΑ ΔΟ ΣCΡΙΤΟΡ
ΙΝΓΛËS ΓΡΑVΑΔΑ ΡΑΡΑ Ο ΔΟCΥΜËΝΤΑΡΙΟ
"Α ΡΑΙΣΑΓËΜ ΜËΝΤΑΛ ΔΣ ΑLΑΝ ΜΟΟΡΣ"

ΤΡΑΔΥΖΙΔΑ ΡΟΡ ΖΙÃO ΔΙΟΝÏΣΙΟ

Existe alguma confusão sobre o que a magia realmente é.

Acho que isso pode ser esclarecido olhando para as descrições mais antigas de magia.

A magia em suas formas mais primitivas é normalmente designada como "a arte". Acredito que isso é completamente literal.

Eu acredito que a magia é arte. E que a arte, seja por escrito, música, escultura ou qualquer outra forma, é literalmente magia.

A arte é, assim como a magia, a ciência de manipular símbolos, palavras ou imagens, para realizar mudanças na consciência.

A verdadeira linguagem da magia parece falar tanto sobre a escrita e sobre a arte, quanto sobre eventos sobrenaturais.

Um grimório, por exemplo, um livro de encantos, é uma forma elegante de usar a gramática.

Conjurar um encantamento é somente falar, manipular palavras para mudar a consciência das pessoas. (...)

Nos últimos tempos, acho que os artistas e escritores têm se permitido serem vendidos no atacado, aceitaram a crença predominante que a arte e a escrita são meramente formas de entretenimento.

Não são vistas como forças transformadoras que podem mudar uma pessoa e mudar uma sociedade. São vistas simplesmente como entretenimento, coisas com as quais podemos preencher 20 minutos ou meia hora de nosso tempo enquanto esperamos a morte.

O trabalho dos artistas não é dar ao público o que o público quer.

Se o público soubesse o que ele quer, ele não seria o público, seria o artista.

O trabalho dos artistas é dar ao público o que ele precisa.

Transcrito do vídeo:

[youtube.com/watch?v=4Uh2jaFPM-E](https://www.youtube.com/watch?v=4Uh2jaFPM-E)



La porticina verde (1873)
Giovanni Boldini (1842 - 1931)

SOMBRA

UMA PARÁBOLA

ΣDGAR ALLAN ΡΘΣ

TRADUZIDO POR ZIÃO DIONÍSIO

"Ainda que eu ande pelo vale da sombra"
- Salmo de Davi

Vocês que estão lendo isso ainda estão entre os vivos, mas eu que escrevo já devo ter ido há muito tempo para o reino das sombras. Pois, de fato, coisas estranhas deverão acontecer, e coisas secretas serão conhecidas, e muitos séculos deverão passar até que essas memórias sejam vistas pelos homens. E, quando forem vistas, terão alguns que não vão acreditar, e alguns que vão duvidar, e ainda vão ter uns poucos que encontrarão muito a ser ponderado sobre as personagens aqui gravadas ao estilo de ferro.

Esse ano foi um ano de terror, e de sentimentos mais intensos do que o terror, para os quais não existem nomes acima da terra. Pois muitos presságios e sinais tinham acontecido, e para todos os lados, sobre o mar e sobre a terra, as asas pretas da Pestilência estavam completamente abertas. No entanto, para aqueles que tinham

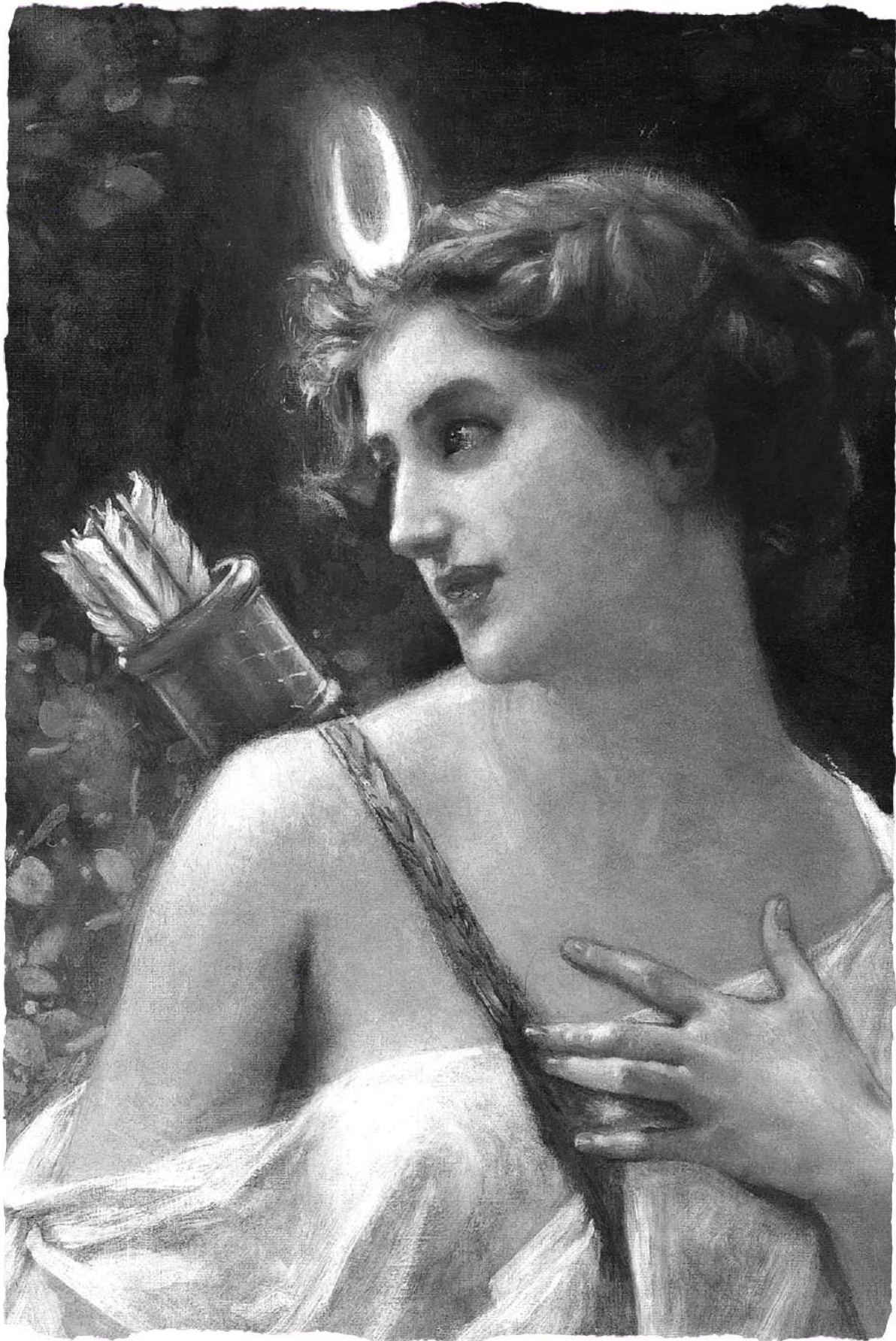
habilidades em entender as estrelas, não era um mistério que os céus estivessem com um aspecto doente, e para mim, Oinos, o grego, e para outros, era evidente que agora havia chegado a mudança que acontece a cada setecentos e noventa e quatro anos, quando, na entrada de Áries, o planeta Júpiter está em conjunção com o anel vermelho do terrível Saturno. O espírito peculiar dos céus, se eu não estiver muito enganado, manifestou a si mesmo, não apenas na esfera física da terra, mas também nas almas, imaginações, e meditações da humanidade.

Sobre alguns frascos de vinho tinto da Ilha de Chios, dentro das paredes de um salão nobre, em uma cidade sombria chamada Ptolemais, nós sentamos, à noite, em um grupo de sete. E não havia entrada para a nossa sala a não ser por uma alta porta de bronze: e a porta havia sido feita pelo artesão Corinnos, e, sendo um trabalho raro, era fixada por dentro. Cortinas pretas, no cômodo escuro, tampavam a visão da lua, das estrelas tristes, e das ruas sem gente - mas o presságio e a lembrança do Mal, não seriam tão excluídos. Tinham coisas ao nosso redor sobre as quais não posso fazer nenhum relato distinto - coisas materiais e espirituais - peso na atmosfera - uma sensação de sufocamento - ansiedade

- e, acima de tudo, aquele terrível estado de existência que os nervos experimentam quando os sentidos estão intensamente vivos e despertados e, enquanto isso, os poderes do pensamento permanecem adormecidos. Um peso morto pairava sobre nós. Pairava sobre nossos membros - sobre os móveis da casa - sobre os cálices em que bebíamos; e todas as coisas estavam deprimidas e eram carregadas para baixo por isso - todas as coisas, exceto as chamas das sete lamparinas de ferro que iluminavam nosso salão. Erguendo-se em linhas altas e magras de luz, elas permaneciam acesas, pálidas e imóveis; e no espelho que seu brilho formava sobre a mesa redonda de ébano em que estávamos sentados, cada um de nós ali reunidos via a palidez de seu próprio rosto e o brilho inquieto nos olhos caídos de nossos companheiros. Ainda assim, ríamos e nos alegrávamos do nosso jeito - que era histérico; e cantávamos as canções de Anacreonte - que são loucura; e bebíamos intensamente - apesar do vinho vermelho nos fazer lembrar de sangue. Pois havia ainda outro hóspede em nossa sala, o jovem Zoilus. Morto, ele estava completamente deitado, envolto em uma mortalha - o gênio e o demônio da cena. Infelizmente, ele não participou de nossa diversão, a não ser pelo seu rosto, distorcido pela peste,

e seus olhos, onde a morte tinha apagado apenas metade do fogo da pestilência, que pareciam tão interessados pela nossa alegria, como os mortos podem se interessar pela alegria daqueles que estão prestes a morrer. Mas, embora eu, Oinos, sentisse que os olhos do falecido estavam olhando para mim, ainda assim me forcei para não perceber a amargura da expressão deles e, olhando fixamente para as profundezas do espelho de ébano, cantei com uma voz alta e sonora as canções do filho de Teos. Porém, gradualmente, minhas canções pararam, e seus ecos, rolando ao longe entre as cortinas de zibelina da câmara, ficaram fracos e indistinguíveis, e assim eles sumiram. E eis que, do meio daquelas cortinas de zibelina, de onde sumiam os sons da canção, surgiu uma sombra escura e indefinida - uma sombra como a que a lua, quando baixa no céu, poderia formar a partir da figura de um homem: mas não era a sombra nem de um homem, nem de Deus, nem de nenhuma coisa familiar. E, tremendo um pouco entre as cortinas do cômodo, ela finalmente repousou em plena vista sobre a superfície da porta de bronze. Mas a sombra era vaga, e sem forma, e indefinida, e não era a sombra nem de um homem, nem de Deus - nem o Deus da Grécia, nem o Deus da Caldeia,

nem qualquer Deus egípcio. E a sombra repousava sobre a porta de bronze, e abaixo do arco do portal da porta, e não se movia, nem dizia nenhuma palavra, apenas ficou lá imóvel e permaneceu assim. E a porta, sobre a qual repousava a sombra, estava, se bem me lembro, em frente aos pés do jovem Zoilus, coberto pela mortalha. Porém, nós, os sete ali reunidos, tendo visto a sombra quando ela saiu do meio das cortinas, não ousamos olhar para ela fixamente, mas baixamos os olhos e olhamos continuamente para as profundezas do espelho de ébano. Por fim, eu, Oinos, falando algumas palavras baixas, exigi que a sombra dissesse onde ela morava e qual era o seu nome. E a sombra respondeu: "Eu sou SOMBRA, e minha casa fica perto das Catacumbas de Ptolemais, e perto daquelas planícies sombrias de Elísio que fazem fronteira com o imundo canal Charoniano." E então, nós, os sete, nos levantamos de nossos assentos aterrorizados e ficamos em pé tremendo, estremecendo e horrorizados, pois os tons da voz da sombra não eram os tons de um único ser, mas de uma multidão de seres, e variando em suas cadências de sílaba para sílaba, caíam em nossos ouvidos de forma sombria, com os sotaques familiares e bem conhecidos de muitos milhares de amigos falecidos.



Diane chasseresse

Guillaume Seignac (1870 - 1924)

NO JARDIM DE ÉPICTETO

FERNANDO PESSOA

O aprazível de ver estes frutos, e a frescura que sai d'estas árvores frondosas, são - disse o Mestre, - outras tantas solicitações da natureza para que nos entreguemos às melhores delícias de um pensamento sereno. Não há melhor hora para a meditação da vida, ainda que seja inútil, do que esta em que, sem que o sol esteja no ocaso, já a tarde perde o calor do dia e parece que sobe vento do arrefecimento dos campos.

São muitas as questões em que nos ocupamos, e grande é o tempo que perdemos em descobrir que nada podemos nelas. Pô-las de parte, como quem passa sem querer ver, fora muito para homem e pouco para deus; entregarmo-nos a elas, como a um senhor, fora vender o que não temos.

Sossegai comigo à sombra das árvores verdes, em que não pesa mais pensamento que o secarem-lhes as folhas quando vem o outono, ou esticarem múltiplos dedos hirtos para o céu frio do inverno passageiro.

Sossegai comigo e meditai quanto o esforço é inútil, a vontade estranha; e a própria meditação, que fazemos, nem mais útil que o esforço, nem mais nossa que a vontade. Meditai também que uma vida que não quer nada não pode pesar no decurso das coisas, mas uma vida que quer tudo também não pode pesar no decurso das coisas, porque não pode obter tudo. E o obter menos que tudo não é digno das almas que solicitam a verdade.

Mais vale, filhos, a sombra de uma árvore do que o conhecimento da verdade, porque a sombra da árvore é verdadeira enquanto dura, e o conhecimento da verdade é falso no próprio conhecimento. Mais vale, para um justo entendimento, o verdor das folhas que um grande pensamento, pois o verdor das folhas, podeis mostrá-lo aos outros, e nunca podereis mostrar aos outros um grande pensamento. Nascemos sem saber falar e morremos sem ter sabido dizer. Passa-se nossa vida entre o silêncio de quem está calado e o silêncio de quem não foi entendido, e em torno d'isto, como uma abelha em torno de onde não há flores, paira incógnito um inútil destino.



Quinta tempera murale dalla villa (1868)
Giovanni Boldini (1842 - 1931)



Le parigine (1878)
Giovanni Boldini (1842 - 1931)

ENTREVISTA COM RAYZA GUEDES FONTES

POR ZIÃO DIONÍSIO

Rayza é, antes de tudo, uma das maiores leitoras que já conheci. Além disso, é professora de português, literatura, redação, jornalista e assessora.

QUAL O PAPEL DA LITERATURA NA SUA VIDA?

A leitura tem um papel muito único na minha vida, porque além de ser o meu entretenimento favorito, meu passatempo, a forma que eu escolho pra me divertir, ela também faz parte do meu trabalho. Por isso eu costumo dizer que eu literalmente vivo de livro.

Trabalho como professora, dou aula de literatura, de português e de redação, e também escrevo sobre livros, e acabo então tendo esse viés financeiro, econômico, essa dependência. Só que ela é uma parte muito pequena da minha vida, porque na verdade eu tenho essa dependência dos livros desde que eu aprendi a ler, com três anos e uns quebradinhos.

Aprendi a ler muito cedo, de uma forma quase espontânea, mostrando as letras e pedindo ajuda pros adultos para formar as palavras. Mesmo quando eu não sabia ler, eu tinha o hábito de ficar no meio de um monte de revistas, passando as páginas e fingindo que eu estava lendo, contando histórias.

Na minha vida, os livros estão em pé de igualdade com coisas extremamente importantes como família, amigos, amores... Os livros são definitivamente parte de quem eu sou. E eu acho muito bonito a associação que as pessoas fazem entre eu e os livros.

Fico muito feliz, sempre muito lisonjeada, quando pessoas que às vezes nem são tão próximas me mandam mensagem falando "Comecei a ler esse livro, você conhece?", ou então me pedem dicas de leitura, ou falam que voltaram a ler por minha causa. Isso me dá uma felicidade imensa, não tem tamanho.

Costumo dizer pros meus alunos (logo no começo das aulas) que, mais do que fazer com que eles passem no concurso, no vestibular, no ENEM, meu objetivo é fazer com que eles entendam que todo mundo pode gostar de ler, desde que encontre o livro certo. E que existe um livro certo pra todo mundo.

E também digo que a leitura é um hábito, assim como tomar água, assim como fazer exercício, assim como, enfim, ter bons hábitos, e esse hábito precisa ser construído. Às vezes demora um pouco mais, às vezes demora um pouco menos, mas a gente precisa sempre entender que é um hábito, e em seguida se esforçar pra manter esse hábito, que é muito importante.

Um outro ponto é que gente lendo gera mais gente lendo. Se eu li um livro muito legal e falo com alguém sobre esse livro, e essa pessoa se interessa e também lê, ela vai indicar pra mais uma pessoa, e no final seremos cinco, dez e assim por diante.

A partir do momento que você lê um livro e gosta, você quer continuar tendo aquela sensação bacana, e aí vai ler outro livro, vai conhecer outros autores. Acho que essa é a magia da literatura. E dentro da literatura a gente tem uma infinidade de gêneros: ficção, não-ficção, poesia, prosa, romance, conto, crônica... Por isso eu digo que não existe gente que não gosta de ler, existe gente que não achou ainda a sua leitura. Mas, no fim das contas, com um pouquinho de boa vontade todo mundo encontra.

Basicamente, eu acho que eu não existo sem os livros.

**DENTRE AS LEITURAS QUE VOCÊ FEZ
ESSE ANO, QUAIS VOCÊ DESTACA?
O QUE FEZ CADA UMA SE DESTACAR?**

Costumo gostar de ler mais de um livro ao mesmo tempo, e eu gosto de ler gêneros diferentes (até para não confundir a história). Esse ano li quatro livros muito interessantes, tive uma excelente sorte de fazer uma boa seleção, mas especialmente esses quatro me marcaram.

"A Cabeça do Santo" é um livro de uma escritora brasileira, Socorro Accioly, que foi muito bem comentado, bem resenhado, e recebeu muitos elogios na época da publicação. Mas eu sou inimiga do hype e acabei preferindo esperar um pouco antes de ler, até porque eu gosto muito do Gabriel Garcia Marques e a Socorro Accioly se inspirou no realismo mágico pra escrever esse livro. Ela inclusive foi aluna do Gabriel Garcia Marques numa oficina literária, e isso teve um peso muito grande pra mim, então eu preferia aguardar um pouco.

Acabei lendo no mês passado e achei um livro encantador, um livro muito melhor do que eu imaginava. Especialmente porque é um livro curto, é um livro que tem potencial para agradar qualquer tipo de leitor.

Ele bebe na água do realismo mágico de uma forma muito leve, e tem reviravoltas, tem romance, tem vingança, tem realmente todos os elementos pra uma boa ficção funcionar. Então é um livro que eu indico de olhos fechados.

Também acho que vale a pena a gente ler alguma coisa que faça uma reflexão sobre o tempo em que vivemos. Eu sempre gosto de ler algum livro de filosofia, de sociologia, alguma coisa nesse sentido. Então a minha segunda indicação é um livro que foi escrito por um francês, o Michel Desmurget.

Eu já tinha lido outro livro dele, que se chama "A Fábrica de Cretinos Digitais", no ano passado. Achei um livro potente, um livro de difícil compreensão em alguns momentos, mas é um livro que precisa ser lido, eu precisava ler esse livro. Até pra entender porque a geração de jovens que a gente está convivendo agora, a geração Z, está tendo algumas dificuldades, e também para entender o que vamos encontrar nas próximas gerações.

Ele fala muito sobre o efeito das telas no desenvolvimento infantil e juvenil. Foi um livro muito legal, mas eu senti que faltavam soluções práticas, porque era um livro muito pessimista.

Em 2024 ele lançou o "Faça-os Ler!", que é como se fosse uma resposta ao "Fábrica de Cretinos Digitais", e aí eu corri pra ler também, claro. Foi uma leitura muito edificante no sentido de realmente mostrar um prognóstico mais favorável e fazer com que a esperança volte.

Realmente ficou muito claro pra mim que não existe um caminho fora dos livros, não existe uma solução fora da leitura, da interpretação de texto e de realmente fazer com que as pessoas façam um uso da tela mais consciente. Tudo em excesso faz mal, né?

Minhas duas últimas indicações são livros que eu recebi da editora Dublinense, que é uma das minhas editoras favoritas no Brasil hoje. Não só pelo cuidado com a edição, capas belíssimas, um trabalho primoroso de tradução, mas também pela escolha dos autores que eles publicam.

Eles publicam uma autora nigeriana que se chama Buchi Emecheta. O primeiro livro dela que eu li se chama "As Alegrias da Maternidade", e foi um livro que bagunçou a minha cabeça de um jeito bom, é um livro fantástico. Depois disso fiquei esperando os outros livros dela serem traduzidos para português, e aí li todos os outros livros que ela escreveu.

Esse livro que escolhi pra indicar, "Cidadã de Segunda Classe", não é um livro que eu li esse ano. O que eu li esse ano foi "Cabeça Fora d'Água", que é a autobiografia dela. Mas prefiro indicar "Cidadã de Segunda Classe" pra quem ainda não conhece a autora, pra quem quer entender um pouquinho mais da literatura feminina nigeriana (que é forte, tem várias outras autoras incríveis, inclusive a Chimamanda Ngozi Adichie que é nigeriana e que é fã da Buchi Emecheta.)

Eu acho que "Cidadã de Segunda Classe" é um livro que fala muito hoje pros nossos corações, porque ele mostra muito a vida do imigrante, mostra muito a vida das pessoas que estão em minorias e passam por dificuldades. É um livro fantástico.

Por fim, "Doce Introdução ao Caos", que foi um livro que eu tive contato quando eu estava em Barcelona no começo do ano, mas acabei não comprando porque estava em catalão. A autora, Marta Orriols, é catalã. E aí pensei "Bom, não vou encarar, né? Não sei ler catalão, meu espanhol já não é essas coisas." Mas achei um livro muito interessante.

Na livraria que visitei eu conversei com os livreiros um pouquinho. Tenho essa mania de perguntar o que eles estão lendo,

o que eles recomendam, quais os livros que estão sendo mais vendidos naquela cidade... Faço isso em todas as cidades do mundo que eu vou. E eles falaram desse livro pra mim. A livrreira tinha lido e estava empolgadíssima, falando que era genial, que era incrível. Então, imagina a minha alegria quando eu recebi esse livro. E, de fato, ele é tudo isso mesmo.

É uma história de um casal que aparentemente vive muito bem. Eles têm uma relação madura, uma relação sólida, e acontece uma gravidez. Porém, uma das pessoas do casal não quer dar prosseguimento a essa gravidez. Então começa uma série de discussões, e eles começam a enveredar pelos traumas, e do porque um quer e do porque o outro não quer. Só que, ao mesmo tempo, você vai vendo a vida seguir, a vida vai continuando, e é até um um pouco chocante porque os capítulos são divididos em semanas, tal qual uma gestação.

É um livro primoroso, fiquei ainda mais fã da autora. Eu já tinha lido um outro livro dela chamado "Aprender a Falar com as Plantas", e tinha achado belíssimo. Ler "Doce Introdução ao Caos" só serviu para consolidar ela no meu ranking de autores contemporâneos incríveis, e que eu sempre vou dar uma atenção especial.

Gostou das indicações?

Siga a Rayza no instagram
@rayzagfontes

e acompanhe as viagens
dela pelos livros
e pelo mundo :)

A
CABEÇA
DO
SANTO



SOCORRO
ACIOLI

COMPANHIA DAS LETRAS

MICHEL DESMURGET

A fábrica de cretinos digitais

Os perigos das telas
para nossas crianças



Por que,
pela 1ª vez,
filhos têm QI
inferior ao
dos pais

VESTÍGIO

Autor do best-seller A fábrica de cretinos digitais

MICHEL DESMURGET

Faça-os ler!

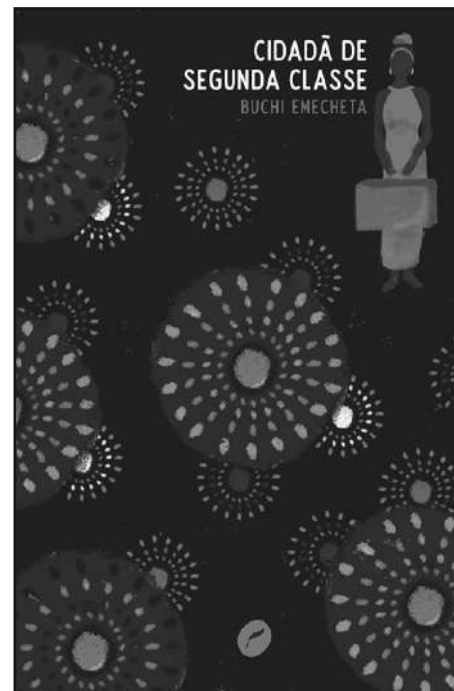
Para não criar
cretinos digitais



Como a
leitura estimula
a inteligência
das nossas
crianças

VESTÍGIO

CIDADÃ DE
SEGUNDA CLASSE
BUCHI EMECHETA



AS ALEGRIAS
DA MATERNIDADE
BUCHI EMECHETA



APRENDER
A FALAR COM
AS PLANTAS

MARTA
ORRIOLS



MARTA ORRIOLS e DOCE
INTRODUÇÃO
AO CAOS

FALAMOS SOBRE LEITURA E AGORA VAMOS FALAR SOBRE ESCRITA. COMO A ESCRITA ACONTECEU E ACONTECE NA SUA VIDA? TANTO A ESCRITA JORNALÍSTICA E DE COMUNICAÇÃO QUANTO TAMBÉM EM OUTRAS FORMAS...

Costumo dizer "trabalhe com aquilo que você ama e você nunca mais vai amar" (risos). Acho que o fato de eu trabalhar com escrita, como professora de português, como revisora de texto e como jornalista, fez com que eu, de certa forma, matasse a escrita criativa, eu não me lembro a última vez que eu escrevi por prazer.

Claro, como eu escrevo sobre livros eu escrevo por prazer, porque eu amo falar sobre livros, mas acaba tendo um fim comercial também. Eu não gosto por exemplo de escrever ficção ou escrever poesia ou qualquer outra coisa do tipo. Mas, de qualquer forma, quando eu volto no tempo, antes mesmo de ser jornalista eu sempre fui uma leitora, não necessariamente uma escritora.

Acho muito difícil alguém se tornar escritor sem ter referências, e geralmente quando isso acontece não é bom, o produto não é bom. Não lembro de já ter me enganado alguma vez de ter achado um autor genial, um livro incrível, e esse autor não ter sido previamente um grande leitor.

Isso nunca aconteceu na minha realidade, mas claro que o mundo é grande então com certeza isso já aconteceu em alguma esfera, só não é conhecida por mim.

Sempre fui uma grande leitora mas nunca tive interesse pela escrita, acho que eu prefiro consumir o texto do que fazer o texto. Mas é óbvio que a escrita tem um papel muito relevante na minha vida porque ela é o meu meio de sobrevivência, e isso é muito poderoso.

Eu acho que as palavras têm um poder muito grande, especialmente as palavras colocadas num texto. No texto você não tem entonação, é uma forma de se comunicar muito diferente, então o texto escrito é mais cuidadoso de certa forma. E quando você quer que as coisas tenham uma interpretação diferente você precisa trabalhar mais pra isso. Até pra fazer uma piadinha, uma ironia, uma sutileza, é mais complexo do que na língua falada. Assim como quando você quer evitar que as coisas tenham um sentido diferente, também é mais complicado. Eu acho que essa complexidade é a coisa bonita da escrita.

Acho que não existe escritor sem antes ser um leitor, mas também dificilmente um leitor não vai ser um bom escritor. Eu acho que as duas coisas estão muito conectadas.

Eu costumo brincar com os meus alunos que o português é intuitivo. Quanto mais você lê mais você sabe escrever, mais domínio você tem da língua, e muitas vezes você sequer sabe a razão. Eu fui aprender as regras de gramática mesmo depois de muito tempo, já não estava mais na escola. Fui aprender estudando, fazendo cursos, enfim, pra dar aula. Mas sempre escrevi muito bem e sempre tive uma grande facilidade, e isso sem dúvida alguma foi por conta da leitura.

ESSA EDIÇÃO DA REVISTA ESTÁ SENDO LANÇADA NO DIA DO ANIVERSÁRIO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, PODERIA NOS FALAR SOBRE SUA VISÃO SOBRE ELE?

Nossa, eu acho que o Drummond é muito importante para a formação de qualquer ser humano que goste de leitura, goste de poesia, e queira entender melhor o Brasil e o modernismo. A importância do Drummond para a história da literatura brasileira é única.

Tenho alguns livros dele (ainda não todos, mas caminhando pra isso) e eu gosto muito de abrir aleatoriamente, numa página qualquer, e me deparar com um poema que às vezes eu não conheço, ou que não é mesmo conhecido pelo grande público, e me encantar



Bambina con il Gatto Nero in Braccio (1885)
Giovanni Boldini (1842 - 1931)

O GUARDA-ROUPA

WESLEY ALVES

"Vamos, está na hora de dormir", ordenou.

Mas a filha não queria ir para a cama. "Pai, não quero dormir. Tem um monstro no guarda-roupa", disse ela, com olhos assustados.

O pai sorriu.

"Não há monstro algum, menina. É apenas sua imaginação."

Mas, insistiu.

"Pai, eu sei que tem! Eu vi!"

Tentou acalmá-la.

"Filha, não há nada no guarda-roupa. Vamos verificar."

E a menina olhou para o móvel, com medo: "Não, pai! Não abra!"

Mas, ele já havia decidido. Abriu o guarda-roupa e...

No espelho, escrito com caneta permanente em uma caligrafia desconhecida:

CORRA. ELA NÃO EXISTE.



Strillone parigino - Il giornalaio (1878)
Giovanni Boldini (1842 - 1931)

SOBRE DRUMMOND

MARIA ISOLINA DE CASTRO SOARES

Pensar em Drummond é ter consciência de uma produção poética que revela a perplexidade do eu perante o mundo. Pensar em Drummond leva imediatamente aos questionamentos dirigidos ao hipotético José - um possível alter ego do poeta, aquele José que se vê sem saída, sitiado, completamente derrotado pelos impasses que a vida oferece e que lhe quebram as relações com o mundo:

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?
[...]

José não está sozinho na obra poética de Carlos Drummond de Andrade. A presença de "um eu todo retorcido", expressão usada pelo próprio Drummond para reunir poemas seus que têm como tema o indivíduo, é constante em seus textos, a começar pelo primeiro poema de seu primeiro livro, quando um anjo torto diz: Vai, Carlos, ser gauche na vida.

A sociedade também não se apresenta menos difícil, pois nosso tempo

[...] é tempo de partido
tempo de homens partidos.

O que resta, então, ao indivíduo que é produto desse tempo dilacerante, "tempo de muletas", "de divisas, tempo de gente cortada", senão "vomitar esse tédio sobre a cidade"?

O espaço da infância, a volta a uma idealizada harmonia pode ser um escape da perplexidade que o mundo provoca no eu poético:

Meu pai montava a cavalo, ia para
o campo.

Minha mãe ficava sentada cosendo.

Meu irmão pequeno dormia.

Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé,
comprida história que não acaba mais.

A terra natal é algo marcante na poética drummondiana. Sabemos que o poeta nasceu em Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, em 31 de outubro de 1902 e que depois de ter se mudado para o Rio de Janeiro, em 1934, nunca mais voltou a Itabira, mas a cidade fruto da memória não abandona o poeta, que é moldado pela herança itabirana:

Alguns anos vivi em Itabira.

Principalmente nasci em Itabira.

Por isso sou triste, orgulhoso:
de ferro.

Noventa por cento de ferro
nas calçadas.

Oitenta por cento de ferro nas almas.

E esse alheamento do que na vida é
porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa
o trabalho,

vem de Itabira, de suas noites brancas,
sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me
diverte,

é doce herança itabirana.

[...]

Itabira, no entanto, ficou lá longe, no tempo e no espaço, e, no momento do eu poético, "Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!".

Drummond tinha consciência de que o fazer poético era tarefa árdua, de que se precisava "lutar com palavras". Escrever poemas não era um simples exercício de inspiração, era muitas vezes uma luta inglória, mas da qual o poeta não desiste, como no fragmento de O lutador:

Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue ...
Entretanto, luto.

O poeta maior da literatura brasileira utilizou diferentes formas em sua poética e em seus temas recorrentes, incursionando pelo poema piada, pelo Concretismo, usando e abusando de versos livres, usando a rima, os poemas narrativos, os poemas sobre o fazer poético... Drummond criou uma obra de intensa complexidade e sempre atual, porque aborda temas universais, nos quais sobressai a reflexão sobre o indivíduo, sobre o estar no mundo, sobre o amar-amargo entre os indivíduos. Para finalizar, Não se mate, um poema sobre o amor:

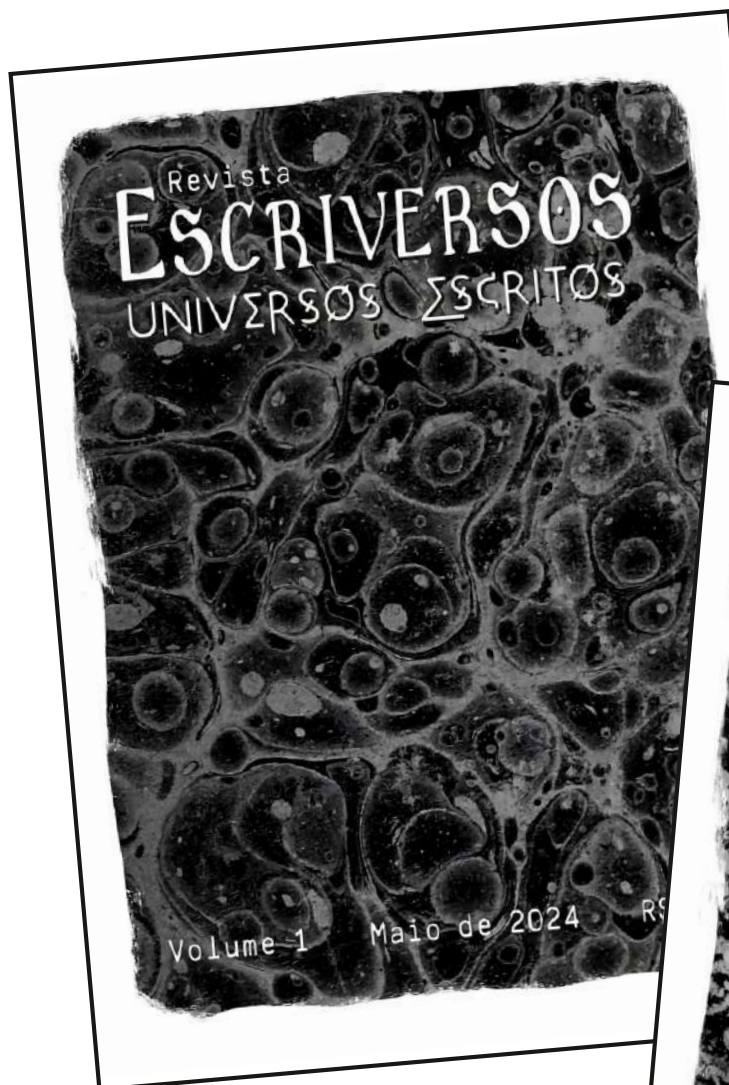
Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe
o que será.

Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate, oh não se mate,
reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão,
se é que virão.

O amor, Carlos, você telúrico,
a noite passou em você,
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vitrolas,
santos que se persignam,
anúncios do melhor sabão,
barulho que ninguém sabe
de que, pra que.

Entretanto você caminha
melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.
O amor no escuro, não, no claro,
é sempre triste, meu filho, Carlos,
mas não diga nada a ninguém,
ninguém sabe nem saberá.
Não se mate.

VEJA OUTRAS EDIÇÕES
E OUTRAS
REVISTAS



ESSAS E
OUTRAS
ESTÃO EM

TROPICALVERSOS.COM

CARTA DO EDITOR

Fazer a revista *Escriversos* é uma alegria, mas também dá um trabalhão... São horas dedicadas a pesquisa, escrita, edição, seleção de imagens, design, entrevista, tradução...

Apesar das vendas, dos apoios e matrocínios recebidos das mecenas, infelizmente o retorno financeiro das revistas tem sido insuficiente (ainda mais pra quem tem filho)...

Portanto, se você gostou de ler essa edição, e se considera que os trabalhos e publicações que faço pela editora *Tropicalversos* precisam continuar, considere comprar uma cópia física da revista, ou apoiar com qualquer valor pela chave pix poetaziao@gmail.com

Vida longa às artes! Evoé!

- Zião Dionísio
Colatina (ES), outubro de 2024

DICAS DE LIVROS

POR ZIÃO DIONÍSIO

DESORIENTAIS

Alice Ruiz

DEMIAN

Hermann Hesse

MIL PLATÔS

Gilles Deleuze e Félix Guattari

IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

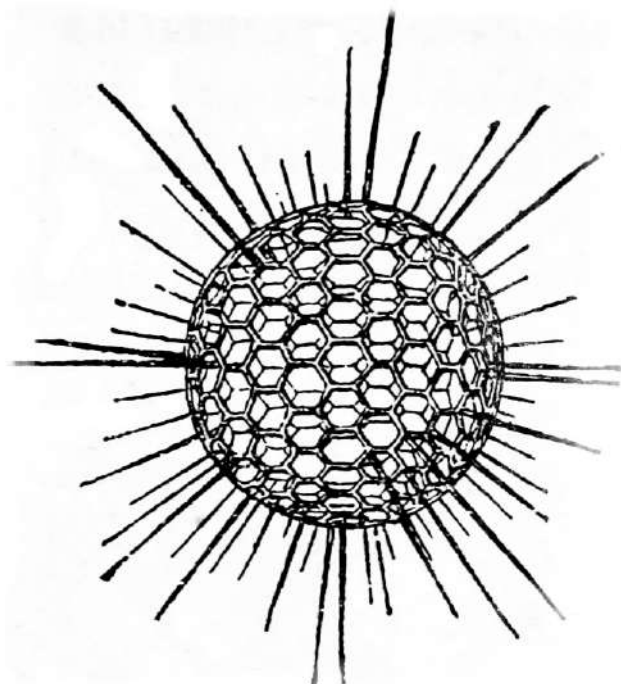
Ailton Krenak

CÂNTICOS

Cecília Meireles

MATADOURO 5

Kurt Vonnegut



Obrigad@ pela leitura =)

Acesse outras obras em:

TROPICALVERSOS.COM



Pix:

poetaziao@gmail.com

NESSA EDIÇÃO DA REVISTA
TEM TEXTOS DE:
ZIÃO DIONÍSIO, ALAN MOORE,
EDGAR ALLAN POE, FERNANDO PESSOA,
WESLEY ALVES, ISOLINA DE C. SOARES,
E ENTREVISTA COM RAYZA GUEDES FONTES.



Braccio con Vaso di Fiori (1910)

Giovanni Boldini (1842 - 1931)